

# A MULHER E O MATRIMÔNIO EM *EL SÍ DE LAS NIÑAS* E *SENHORA*

## JÉSSICA APARECIDA SOUZA SANTOS\*

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Programa de Pós-Graduação em Letras/  
Estudos Literários (PPGL), Almenara, MG, Brasil.

## EDWIRGENS APARECIDA RIBEIRO LOPES DE ALMEIDA\*\*

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Programa de Pós-Graduação em Letras/  
Estudos Literários (PPGL), Almenara, MG, Brasil.

Recebido em: 7 ago. 2018. Aprovado em: 22 maio 2019.


Como citar este artigo: SANTOS, J. A. S.; ALMEIDA, E. A. R. L. de. A mulher e o matrimônio em *El sí de las niñas* e *Senhora*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 2, p. 193-204, 2019. doi:10.5935/cadernosletras.v19n2p193-204

## Resumo

Este texto pretende, de modo sucinto, tecer considerações sobre a condição da mulher no matrimônio vista pelo viés da história e da ficção no fim do século

---

\* E-mail: sjessicaaparecida@yahoo.com  
 <https://orcid.org/0000-0002-7153-9359>

\*\* E-mail: edwirgensletras@gmail.com  
 <https://orcid.org/0000-0002-2297-6800>

XVIII e durante o século XIX, na Espanha e no Brasil, respectivamente. Dessa forma, nossa análise salienta a conduta das personagens Paquita, na obra *El sí de las niñas*, do espanhol Leandro Fernández de Moratín, e Aurélia, no romance *Senhora*, do brasileiro José de Alencar, diante das perspectivas da sociedade para a mulher no casamento e na tradição patriarcal.

## Palavras-chave

Matrimônio. Mulher. Tradição.

A estrutura patriarcal romana serviu como um modelo para organizar as relações sociais dos países de ordem católicas, sobretudo dos países da Península Ibérica, como Portugal e Espanha. Essa estrutura social transplantou-se para o Brasil na condição de colônia de Portugal, influenciada também pela cultura e tradição espanhola. Um dos mecanismos mais eficazes de regulamentação da família era o casamento, que, como um arranjo entre famílias, colocava em relevo acordos e conveniências, mantendo assim privilégios e grupos sociais.

Durante séculos, o casamento atendeu às necessidades econômicas e sociais em detrimento do sentimento, pois a união era um quesito fundamental na sociedade, tanto para as mulheres quanto para os homens. É importante ressaltar que, desde o império romano até o fim do século XVIII e ao longo do século XIX, foi predominante, nos países ocidentais, a presença da família patriarcal. Relacionada à essa formação familiar está a legitimação da família por meio do casamento, cabendo à mulher ser casta e fiel ao marido; caso ela praticasse um desvio da conduta esperada, poderia receber punições do marido, como afirma Patrícia Krempel Goulart (2002).

Atentando para as relações de gênero travadas no âmbito das páginas ficcionais, convém averiguar, por um lado, em que medida as obras *El sí de las niñas* e *Senhora* buscaram atender à idealização da mulher na reafirmação da tradição do casamento, ou se, por outro, criticaram ou negaram essa tradição. Arelada ao subjugo imposto à mulher no Código Romano está a forma como ela é caracterizada. Segundo Maria Ángeles Ortego Agustín (1999), o código jurídico romano apresentava características que menosprezavam a mulher em sua forma física, atribuindo a ela adjetivos que criaram o conceito de sexo frágil. Dessa forma, a mulher ficou condicionada ao poder masculino, tendo

deveres para com o marido e para com os filhos. A situação das mulheres será vista com outro olhar pela educação a partir do século XVIII.

Em se tratando da formação da família, a partir dos séculos XVII e XVIII na Espanha, Maria Ángeles Ortego Agustín (1999) explica que a família burguesa, como um novo modelo familiar, será caracterizada pelo uso da vida privada. As relações familiares ocorriam dentro da casa, longe de vizinhos e quaisquer parentes; a casa constituiu-se no reduto da família, sob a vigilância paterna, que ainda representava a maior autoridade na família patriarcal. Apesar da intimidade que caracteriza a família burguesa, é interessante questionar em que condição se encontra a mulher nessa ordem familiar, uma vez que o poder marital é absoluto naquelas relações. Nessa empreitada, a mulher permanecia exercendo o papel daquela que cuida dos filhos, do marido e da vida doméstica, recebendo instrução limitada para desempenhar bem o seu papel.

A diferença física entre homens e mulheres também é ressaltada nesse momento. Estas passam a ser entendidas como um ser frágil, e sua fragilidade passa a ser um atributo de beleza, sendo, por isso, até valorizada. Esses elementos podem ser observados na obra *El sí de las niñas*, escrita pelo teatrólogo Leandro Fernández de Moratín, cuja estreia ocorreu no teatro de La Cruz em Madri, em 6 de janeiro de 1806. A obra, considerada a melhor comédia de Moratín, se passa em um curto espaço de tempo: começa às sete da noite e termina às cinco da manhã seguinte, na sala de uma pousada de Alcalá de Henares. A peça encena o empenho de uma mãe, Doña Irene, mediante a sua pertença a uma classe inferior, que pretende casar a filha, Doña Francisca, que é chamada por todos de Paquita, com um homem velho e rico, Don Diego. Entretanto, a jovem está apaixonada pelo jovem oficial Don Carlos, que é sobrinho de Don Diego.

A determinação de Doña Irene em encontrar um bom matrimônio para Paquita não levava em conta o que a filha queria ou a diferença de idade entre ela e o pretendente, mas visava apenas um casamento que garantisse o futuro dela, uma vez que, pertencente a uma classe baixa da sociedade e não contando com nenhum apoio financeiro, a filha ficaria desamparada caso viesse a perder a mãe. Contrair matrimônio seria a melhor solução. Além disso, uniões desiguais, tanto em idade quanto financeiramente, eram corriqueiras na sociedade espanhola de fins do século XVIII. É nesse sentido que Doña Irene intenta convencer Paquita da importância do casamento para o seu porvir:

D<sup>a</sup>. Irene. E que bem pensa perto do preferível que é para uma criatura de seus anos um marido de certa idade, experiente, maduro e de conduta!...

Don Diego. Quieta! Isso dizia?

D<sup>a</sup>. Irene. Não; isso eu que dizia, e me escuta com uma atenção como se fosse uma mulher de quarenta anos, o mesmo... (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 34, tradução nossa).<sup>1</sup>

Doña Irene acredita que Don Diego é o melhor pretendente que Paquita poderia ter, já que, levando em conta a idade de cada um, a relação se mostraria um aprendizado de vida para a jovem. E é essa reflexão que faz com que Don Diego acredite que o pensamento de Paquita sobre si e a futura relação dos dois compactue com o de Doña Irene. Sobre a educação feminina, Maria Angeles Ortego Agustín (1999) argumenta que, na Espanha, não existia colégios exclusivos para as jovens de alta classe, como existia na França e na Inglaterra. Dessa forma, algumas congregações religiosas ocupavam-se de ensinar normas de comportamento, execução de tarefas domésticas, religião e um pouco de leitura e escrita às mulheres. Como observamos em *El sí de las niñas*, Paquita encontrava-se em um convento ao lado da tia religiosa e somente é retirada de lá para conhecer Don Diego, com quem Doña Irene tenciona casá-la: “Don Diego. Já verá que tiramos essa menina do convento e levamos a Madri” (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 22, tradução nossa).<sup>2</sup> Por volta dos quinze anos era sinalizado o fim da educação e as moças já se encontravam prontas para contrair um bom casamento.

Para esse fim, as jovens eram apresentadas à sociedade, deixando de frequentar unicamente o espaço íntimo da família, mudando sua rotina: “muda sua vestimenta, vai à reunião, passeios e teatros. Seu único objetivo ao que há orientado toda sua educação deve se cumprir: conseguir um marido adequado” (BALLARIN DOMINGO, 2017, p. 250, tradução nossa).<sup>3</sup> Essas jovens passam a interagir com outras jovens no meio social, frequentam locais onde possam ser avistadas até alcançar o objetivo do matrimônio, uma vez que será

1 D<sup>a</sup>. Irene. *¿Y qué bien piensa acerca de lo preferible que es para una criatura de sus años un marido de cierta edad, experimentado, maduro y de conducta!...* Don Diego. *¡Calle! ¿Eso decía?* D<sup>a</sup>. Irene. *No; esto se lo decía yo, y me escuchaba con una atención como si fuera una mujer de cuarenta años, lo mismo...* (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 34).

2 Don Diego. *Ya ves que hemos sacado a esa niña del convento y nos la llevamos a Madrid* (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 22).

3 “[...] *cambia su indumentaria, acude a tertulias, paseos y teatros. Su único objetivo al que se ha orientado toda su educación debe cumplirse: conseguir un marido adecuado*” (BALLARIN DOMINGO, 2017, p. 250).

benéfico tanto para ela quanto para a sua família. Também em *El sí de las niñas*, Doña Irene via no matrimônio de Paquita com Don Diego, pela riqueza dele, a garantia de um futuro confortável para a filha. Como observamos neste diálogo entre as duas mulheres, na cena IV do segundo ato, quando Doña Irene insiste para que Paquita se mostre mais feliz pela união, corresponda à altura dos benefícios que a esperam:

D.<sup>a</sup> Irene. Pois muito será que Don Diego não há tido algum encontro por lá, e isso o detenha. Certo que é um senhor muito vistoso, muito pontual. Bom cristão! Tão atento! Tão bem falado! E com que desenvoltura e generosidade se porta! Como um pedaço de ouro... E muito aquilo. Que roupa branca! Que utensílios de cozinha! E que despensa, cheia de quando Deus criou! Mas tu não pareces que atendes ao que estou dizendo.

D.<sup>a</sup> Francisca. Sim, senhora, bem te escuto; mas não a queria interromper.

D.<sup>a</sup> Irene. Lá estará, filha minha, como o peixe na água; passarinho no ar o que quiseres o terás, porque como ele tanto te ama e é um cavalheiro de bem e tão temeroso a Deus... (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 50, tradução nossa).<sup>4</sup>

Os elogios feitos por Doña Irene a Don Diego – não só à sua pessoa e ao seu caráter, como também aos seus bens – tinham a intenção de demonstrar à Paquita quão afortunada era por ter sido escolhida para ser sua esposa, pois o casamento significaria segurança e prosperidade em decorrência das posses do futuro marido, por ser ele um bom cristão e temente a Deus. Importante reiterar o papel da religião na história matrimonial, pois a força da Igreja Católica influenciava as decisões políticas e sociais, tanto na Espanha quanto no Brasil, ao longo dos séculos em estudo. Dessa forma, segundo Maria Beatriz Nader (2001), após o Concílio de Trento (1545-1563), durante muito tempo o casamento religioso passou a ser visto, principalmente entre a classe burguesa, como forma de legitimação da esfera familiar. As normas da indissolubilidade estabelecidas pelo Concílio agregaram um caráter sacramental, que foram e são seguidas até os dias atuais pelos que optam por esse tipo de cerimônia.

<sup>4</sup> D.<sup>a</sup> Irene. *Pues mucho será que don Diego no haya tenido algún encuentro por ahí, y eso le detenga. Cierto que es un señor muy mirado, muy puntual ¡Tan buen cristiano! ¡Tan atento! ¡Tan bien hablado! ¡Y con qué garbo y generosidad se porta! Ya se ve, un sujeto de bienes y de posibles... ¡Y qué casa tiene! Como un ascua de oro la tiene... Es mucho aquello. ¡Qué ropa blanca! ¡Qué batería de cocina! ¡Y qué despensa, llena de cuando Dios crió!... Pero tú no parece que atiendes a lo que estoy diciendo.* D.<sup>a</sup> Francisca. *Sí, señora, bien lo oigo; pero no la quería interrumpir a usted.* D.<sup>a</sup> Irene. *Allí estarás, hija mía, como el pez en el agua; pajaritas del aire que apetecieras las tendrías, porque como él te quiere tanto y es un caballero tan bien y tan temeroso de Dios...* (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 50).

Para as famílias de classe elevada que seguiam a religião, em grande medida por meio de aparências, casar-se dentro dos padrões pregados pela religião era uma regra, uma vez que a realização de uma grande cerimônia seria a oportunidade de chamar a atenção da sociedade. Por isso, podemos compreender aqui o destaque dado por Doña Irene ao fato de Don Diego ser temeroso a Deus, mantendo o disfarce da religião utilizada por grande parte dessa classe. Quanto ao papel da mulher após o matrimônio, ela passa a pertencer à intimidade do novo lar ao lado do marido e dos filhos, sendo, portanto, responsável por manter a ordem doméstica, cuidar da casa e do marido e fornecer as primeiras instruções aos filhos.

Além dessas tarefas realizadas na vida privada, a mulher também desempenhava um papel ao lado do marido no meio público, que, para Pilar Ballarin Domingo (2017), era transmitir a vida feliz que levava ao lado do esposo diante da sociedade, mesmo que isso pudesse se apresentar como hipocrisia. Esse tipo de união desigual em idade e em condição econômica, como a de Paquita e Don Diego, era uma realidade predominante na sociedade burguesa espanhola. Estar no salão, onde a vida social exigia que a mulher representasse o que lhe fora ensinado, gestava uma situação que necessitava de esforço de Paquita para se demonstrar como uma mulher feliz diante de seu futuro esposo, Don Diego. Nesse sentido, em sua fala Paquita demonstra o esforço em aparentar o que não sentia:

D<sup>a</sup> Francisca. Já, como você já escutou... E disse que Don Diego se queixa de que eu não lhe digo nada... Farto lhe digo, e bem que estive procurando mostrar-me feliz diante dela, que não estou por certo, e rir-me e dizer criancices... E tudo para agradar a minha mãe, que se não... Mas bem sabe a Virgem que não sai do meu coração (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 43, tradução nossa).<sup>5</sup>

Don Diego esperava ouvir de Paquita que, sinceramente, o queria por marido e ela se esforçava para parecer feliz com a escolha da mãe, mas tal atitude estava se transformando em um fardo doloroso, pois não era o que de fato sentia, tampouco o que desejava para o próprio futuro. Assim como muitas mulheres obrigadas a contrair um matrimônio que não as agradavam,

5 D.<sup>a</sup> Francisca. *Ya, como tu no lo has oído... Y dice que don Diego se queja de que yo no le digo nada... Harto le digo, y bien he procurado hasta ahora mostrarme contenta delante de él, que no lo estoy por cierto, y reírme y hablar niñerías... Y todo por dar gusto a mi madre, que si no... Pero bien sabe la Virgen que no me sale del corazón* (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1956, p. 43).

Paquita deveria exercer em público a arte de ser mulher, papel que, bem desempenhado, ajudaria nas relações públicas do esposo. Mediante a educação recebida e as relações mascaradas, algumas mulheres chegaram até a entender essa função como importante, sentiam-se como instrumentos responsáveis pelas boas relações sociais do esposo, fazendo-lhe acreditar que a instrução recebida seria para executar esta “importante” função social.

Um dos aspectos que podemos destacar como similitudes entre Espanha e Brasil é a forma como se deram as relações matrimoniais na tradição patriarcal, semelhança que se faz presente na formação familiar (principalmente a família burguesa), bem como na educação feminina e na atribuição da mulher como esposa e dona do lar. Sendo assim, no Brasil colonial, a regulamentação da família se estabelece por meio do matrimônio. O casamento era compreendido como forma de moderar as relações dos colonos, pois, como assegura Maria Beatriz Nader (2001), com a escassez de mulheres brancas, os homens se relacionavam com negras e índias, mas havia a necessidade de povoar a colônia com gente considerada honrada, ou seja, pessoas brancas. Ainda segundo Maria Beatriz Nader (2001, p. 75),

Como a honra era privilégio e riqueza atribuída às mulheres brancas e livres, as escravas, negras e índias, e as prostitutas brancas eram mulheres sem honra, consideradas pelo código de comportamento como estando à disposição do homem branco.

Assim, como já referido em relação à Espanha, no Brasil desde a época colonial, segundo Maria Beatriz Nader (2001), as relações familiares, foram pautadas nas orientações da igreja católica, conseqüentemente, a família patriarcal foi estabelecida como a organização familiar legítima. A escolha dos cônjuges e o acordo matrimonial, como reitera Maria Beatriz Nader (2001), eram feitos pelos pais, uma vez que o maior interesse com a união estava em manter a propriedade privada e preservar a classe social. Pertencentes a uma família patriarcal, mesmo na casa paterna, às mulheres era-lhes reservada a vida em clausura, na intimidade do lar, afastadas da sociedade, não só para se preservarem em uma vida de conforto, mas também para manter os bons costumes e a castidade.

Essa situação modifica-se com a chegada da família Real portuguesa no século XIX, quando as famílias burguesas, mesmo permanecendo em seu con-

vívio privado, abriam seus salões para o convívio social, realizando saraus, reuniões com amigos e cafés, além de começarem a frequentar teatros e bailes. Essa situação é retratada na obra *Senhora*, do romancista brasileiro José de Alencar, publicada em 1875, em que há a presença de teatros e bailes, elementos apreciados pela sociedade burguesa carioca. O romance narra os conflitos vivenciados por Seixas e Aurélia, sendo o dinheiro o grande motivador. Após tornar-se herdeira universal de seu avô paterno, Aurélia é considerada a rainha dos salões cariocas, compra para si um marido para vingar-se da afronta que sofrera quando ainda era pobre. O marido comprado é Seixas, o mesmo homem que uma vez a abandonou, quando Aurélia não possuía dote. Dessa forma, a aparição de Aurélia, em *Senhora*, na sociedade burguesa se dá em meio a uma dessas atividades mencionadas: a jovem surge como uma estrela resplandecente no céu da sociedade carioca. Esclarece o narrador:

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.  
Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.  
Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.  
Era rica e formosa (ALENCAR, 1994, p. 15).

A disputa entre tantos admiradores pela atenção não é motivada unicamente pela beleza de Aurélia, ou esta não é o que a fez ser o destaque dos salões no enredo, mas sim o fato de ser rica e ter um alto dote a oferecer, que era mais atrativo do que a sua aparência física. A mulher passou a frequentar também esse espaço social, no qual tiveram que aprender a desempenhar o próprio papel em público ao lado do marido. Segundo Maria Ângela D’Incao (2011, p. 229), “[n]um certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio”. A impressão causada pela mulher na sociedade era importante para o homem, o qual, até certo ponto, dependia da imagem da esposa para alcançar o prestígio social, além de depender dela também para cuidar da própria imagem. Dessa forma, é Aurélia que se preocupa com a imagem que Seixas apresentava no meio social, por isso compra os melhores produtos para que o marido comprado se apresentasse da melhor forma. No trecho a seguir aparece o diálogo entre Lemos e Seixas, quando o tio de Aurélia apresenta ao moço recém-casado os seus aposentos:



– Bem reconheço a mão de Aurélia; estou sentindo em todos estes objetos o aroma que exala de sua beleza, disse Seixas inebriado de felicidade.

– Foi ela, sim senhor, que se incumbiu disso; mas ainda não viu tudo. Olhe o enxoval.

Lemos mostrou então as gavetas e prateleiras dos guarda-roupas e cômodas atonetadas das várias peças de vestuário, feito de superior fazenda e com maior apuro. Nada faltava do que pode desejar um homem a todas as comodidades da moda.

No tocador, se o tabuleiro de mármore ostentava toda a casta de perfumarias, as gavetas continham cópia de joias próprias de um cavalheiro elegante. Algumas haviam de grande preço, como o anel de rubi, e uma abotoadura completa de brilhantes (ALENCAR, 1994, p. 61-62).

O papel da mulher burguesa no convívio do lar era, como pondera Maria Ângela D’Incao (2011, p. 230),

[...] Considerada a base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole.

Seguir tais regras era a função delas, lembrando que, até o século XIX, no Brasil, não existiam escolas destinadas à educação feminina. Dessa forma, os conventos apresentaram-se como centros responsáveis pela educação feminina, com teor doutrinário e religioso, ensinando como a jovem deveria agir antes do matrimônio e durante a união, os cuidados domésticos e os cuidados com os filhos.

Em *Senhora*, a educação recebida por Aurélia foi a melhor considerada pela sociedade, além dos ensinamentos sobre como ser uma boa mãe e esposa. Aurélia mostra-se conhecedora de cálculo e se apresenta como uma mulher leitora, capaz de ler e compreender as obras clássicas. A restrição a uma educação que se equiparasse àquela recebida pelo homem revela uma forma de exercer o controle sobre as atitudes femininas.

É somente no século XIX que a educação da mulher tomou outro rumo, com a criação de escolas femininas ou com a abertura de portas das já existentes para uma educação mista, embora o discurso educacional continuasse controlado pela tradição patriarcal. Constância Lima Duarte (2002) observa que o homem começa a se preocupar com a forma com que a mulher era educada, pois, naquele momento, passou a ser vista como a responsável pela educação

dos filhos, e era necessário que ensinasse o que era exigido pelo discurso patriarcal. Contudo, observamos em *Senhora* que Aurélia e o irmão Emílio “ambos eles receberam excelente educação” (ALENCAR, 1994, p. 69). Apesar de ter recebido educação similar à do irmão, além de ter recebido instrução para ser boa mãe e esposa, Aurélia também tinha a preocupação com os acontecimentos da casa e do uso ou não por seu marido Seixas dos utensílios que comprara para o enxoval. E revela num diálogo com o marido:

- Hoje estive em seu toucador, disse ela com simulada indiferença.
- Ah! Fez-me esta honra?
- Uma dona-de-casa, bem sabe, tem obrigação de ver tudo.
- A obrigação e o direto.
- O direito aqui seria da mulher; e não só este como outros mais.
- Eu os reconheço, disse Fernando.
- Ainda bem. Vejo que nos havemos de entender (ALENCAR, 1994, p. 120).

Aurélia vai ao quarto de Seixas averiguar a veracidade dos comentários de seus criados sobre as economias feitas por seu marido. Embora a visita tenha sido realizada para saber dos atos do seu marido comprado, ela se dá o direito de saber tudo o que se passava em sua casa por ser, como mulher, responsável pelos cuidados do lar. Nesse sentido, não é questionada por Seixas, que, conhecedor do papel da mulher, apenas aceitou a ação de Aurélia. Outro fato da narrativa que aponta para a educação feminina recebida por Aurélia é o ato de dirigir-se ao piano quando, no dia posterior ao casamento, “encaminhou-se ao piano, que é para as senhoras como charuto para os homens, um amigo de todas as horas, um companheiro dócil, e um confidente sempre atento” (ALENCAR, 1994, p. 108). Esse instrumento era considerado um refinamento na educação de mulheres burguesas, portanto, toda jovem casadoira deveria saber tocar piano, fazendo-o com toda graça possível.

Já nas últimas décadas do século XIX, com o acesso à escrita e à leitura, ocorre, em fluxo mais intenso, a publicação de romances destinados às leitoras que eram lidos durante os serões familiares. Observamos que, em *El sí de las niñas*, a personagem Paquita é uma leitora de romances, como afirma Rita, sua criada: “Rita. Olhe que tudo quanto lemos a escondida nos romances não equivale ao que vimos nele...” (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1856, p. 44, tradução nossa).<sup>6</sup> Assim também ocorre com Aurélia, que se mostra uma leitora

<sup>6</sup> “Rita. [M]ire usted que todo cuanto hemos leído a hurtadillas en las novelas no equivale a lo que hemos visto en él...” (FERNÁNDEZ DE MORATÍN, 1856, p. 44).

ra. A fala de Rita revela a percepção da mulher em relação aos romances lidos, uma vez que eles narravam uma idealização do casamento e da vida real, muito diferente do que de fato ocorria. Essa fala apresenta uma crítica à concepção romantizada do matrimônio nos enredos, que objetivava tecer, no imaginário das leitoras, que elas seriam esposas amadas, responsáveis pela educação dos filhos, zelariam por eles e, nessa perspectiva, estariam cumprindo um papel importante para a sociedade. No entanto, Rita demonstra que as mulheres tinham consciência do quão fantasioso o matrimônio era descrito, e que não era nesse tom açucarado que Paquita esperava realizar o seu enlace. Assim como Aurélia, em *Senhora*, durante certo momento da narrativa, há uma personagem que indaga sobre como a obra *Diva* havia sido escrita e sobre as suas personagens – *Diva* é uma obra também escrita por José de Alencar que está entre os três romances denominados de Perfis de Mulher. No dia seguinte, Aurélia compra o livro:

Pela manhã Aurélia mandou comprar o romance, e o leu em uma sesta, ao balanço da cadeira de palha, no vão de uma janela ensombrada pelas jaqueiras cujas flores exalam perfumes de magnólias.

À noite apareceu o crítico.

– Já li a *Diva*, disse depois de corresponder ao cumprimento (ALENCAR, 1994, p. 150).

Aurélia e Paquita ambas são personagens leitoras de romances, mas também receberam educação para cuidarem do lar e do esposo (lembrando que muitos desses romances foram escritos com o intuito de educar as mulheres ao molde patriarcal). No período mencionado, ocorre também o aumento de jornais destinados às mulheres, ato que corresponde à busca feminina por uma expansão educacional, bem como por direitos e resistência aos padrões patriarcais. Foi com a conquista da leitura e da escrita que as mulheres iniciaram o processo de emancipação feminina, tanto na Espanha quanto no Brasil.

## Women and matrimony in *El sí de las niñas* and *Senhora*

### Abstract

This text intends, in a succinct way, to make considerations concerning married women as seen through history and fiction written by the end of the 18th cen-

tury and during the 19th century in Brazil and Spain, respectively. Thus, our analysis highlights the behavior of Paquita, from *El sí de las niñas*, by Spanish author Leandro Fernández de Moratín, and Aurélia, from *Senhora*, by Brazilian writer José de Alencar, concerning the expectations that society placed upon women in regards to marriage and patriarchal tradition.

## Keywords

Matrimony. Women. Tradition.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. de. *Senhora*. São Paulo: Núcleo, 1994.
- BALLARIN DOMINGO, P. La educación de la mujer española en el siglo XIX. *Historia de la educación [Internet]*, v. 8, p. 245-260, 1989. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/0212-0267/article/view/6837>. Acesso em: 29 jul. 2019.
- D'INCAO, M. Â. Mulher e a família burguesa. In: PRIORE, M. D. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 223-240.
- DUARTE, C. L. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil: século XIX. In: DUARTE, C. L.; ASSIS, E. de.; BEZERRA, K. da C. (org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: FALE, 2002. p. 273-282.
- FERNÁNDEZ DE MORATÍN, L. *El sí de las niñas*. Notas Alda J. M. Tesan. 5. ed. Zaragoza: Editorial Ebro, 1956.
- GOULART, P. K. *A origem e evolução do casamento na história do direito da família*. 2002. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2002.
- NADER, M. B. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. 2. ed. Vitória: Edufes, 2001.
- ORTEGO AGUSTÍN, M. A. *Familia y matrimonio en la España del siglo XVIII: ordenamiento jurídico y situación real de las mujeres a través de la documentación notarial*. 1999. Tesis (Doctorado en Historia Moderna) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1999.